

ORGULHO E PRECONCEITO. Direção: Joe Wright. Produção: Eric Fellner. Produtora: Working title films, 2006.

RAZÃO E SENSIBILIDADE. Direção: Ang Lee. Produção: Emma Thompson. Produtora: Constantin Film, 1996.

REMAK, Henry H. H. The Future Of Comparative Literature. In: Proceedings Of The Eighth Congress Of The ICLA. Stuttgart: Kunst und Wissen/Erich Bieber, 1980. p. 429-437.

SILVA, Alexander Meireles da. Literatura Inglesa para Brasileiros – 2ª Ed. Rev. 2006. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2005.

SAMOYAULT, Tiphaine. A intertextualidade. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, pp. 13-45.

STEARNS, Peter N. Histórias das relações de gêneros. São Paulo: Contexto, 2018.

VIGARELLO, Georges. A virilidade moderna: convicções e questionamentos. Direitos de publicação em língua portuguesa – Brasil: 2013, Editora Vozes Ltda.

**MEMÓRIAS DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO INTERIOR DA PARAÍBA:
MOYSES NIGRI E O ATAQUE A IGREJA ADVENTISTA EM BAIXA VERDE**

Daniel da Silva Firino

Mestrando em História na UFPB

danielfirino@hotmail.com

RESUMO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia instalou-se na fazenda Baixa Verde na então vila de Queimadas em 1938. Em 1940, o prédio, onde eram realizados os cultos, foi atacado por cerca de 300 católicos que o apedrejaram e espancaram o pastor Moyses S. Nigri. O evento foi relatado, no mesmo ano, na Revista Adventista por Jeronimo G. Garcia, que presenciou o ocorrido, e por H. O. Olson, presidente da Missão Nordeste. Nigri só descreve o ocorrido em 1960 e em 1964 na Revista Adventista e em sua biografia lançada em 2014. Este trabalho tem como objetivo analisar a biografia de Nigri, utilizando-se de uma perspectiva histórico cultural, para compreender os conflitos religiosos que ocorriam em uma parte da sociedade paraibana do início da década de 1940. Ademais, será

fundamental refletir sobre possíveis impactos dos processos de romanização e de renovação católica no interior da Paraíba e sua provável ligação com o ataque a igreja adventista em Baixa Verde.

Palavras-chave: Adventismo; Protestantismo; Intolerancia

O Adventismo

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) teve suas origens na primeira metade do século XIX nos Estados Unidos com algo que ficou conhecido como movimento Milerita. Tal movimento tinha como seu principal propagador Guerlherme Miller, um fazendeiro, que após ter sobrevivido a guerra de independência começou a estudar a bíblia por achar que só um milagre poderia ter feito ele sair do campo de batalha com vida.

Após algum tempo de estudo, ele se deparou com a profecia do livro de Daniel capítulo 8: 14 que se referia a purificação do santuário após duas mil e trezentas tardes e manhãs. Para Miler, a purificação do santuário seria a purificação do planeta Terra por intermédio da segunda vinda de Jesus e as tardes e manhãs seriam dias na verdade dois mil e trezentos anos que teriam fim por volta de 1843 e 1844 (MINISTERIO JOVEM, 2004, p. 24).

Ele passou cerca de quinze anos para divulgar seus estudos e só iniciou após receber um convite para pregar em uma igreja próxima a sua residência. Depois disso, Miler recebeu vários convites para pregar e espalhar seus estudos sobre o breve retorno de Jesus.

Desde então, Guilherme Miller continuou a pregar, primeiro em áreas rurais perto de sua casa, depois em cidades maiores e grandes cidades, até que mais de 100.000 pessoas aceitaram a mensagem de um Salvador que logo viria. Suas primeiras mensagens incluíram os sinais da segunda vinda, especialmente o que já havia se cumprido em 1780 – O Dia Escuro de 19 de Maio. Logo, outro sinal miraculoso foi acrescentado: a queda das estrelas de 13 de novembro de 1833. Quando Josué V. Himes se juntou a ele, Boston abriu as portas para o seu ministério. Mais tarde, em 1840, ele entrou na cidade de Nova Iorque. Miller estudou a profecia das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8 e 9:35, e convenceu-se de que a purificação do santuário seria a purificação da Terra pelo fogo na segunda vinda de Cristo. Apesar de falar mais sobre a segunda vinda, só no avançar do ano de 1844 foi que ele aceitou uma data definitiva.

Entretanto, em janeiro de 1843, ele falou que Cristo deveria voltar entre março de 1843 e março de 1844 (MINISTERIO JOVEM, 2004, p. 24).

O movimento cresceu e juntou pessoas de diversas denominações religiosas ocasionando um reavivamento espiritual. Com o passar do tempo, algumas pessoas marcaram o retorno de Jesus para 22 de outubro de 1844. A princípio Miller não concordou em marcar uma data precisa, mas com o aproximar do dia, ele aderiu à data marcada.

Finalmente chegou o dia 22 de outubro de 1844, os milleritas estavam reunidos em suas casas ou na casa dos líderes do movimento. Durante todo o dia eles “cantavam hinos e revisavam as evidências de que o Senhor voltaria. O dia passou e o sol se pôs. Ainda havia esperança: ‘Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã.’ Marcos 13:35” (MINISTERIO JOVEM, 2004, p. 38). Passou a meia noite, mas nada aconteceu. Muitos abandonaram o movimento e do grupo que restou surgiu uma vertente que era liderada por Josef Bates, Tiago White e Ellen Harmond.

Esse grupo acreditava que a data estava correta, mas o evento estava incorreto. Jesus não deveria voltar em 22 de outubro de 1844, mas ele deveria passar do lugar santo para Santíssimo no santuário celestial e desta forma iniciaria o que para eles ficou denominado como Juízo investigativo e esse grupo futuramente tornar-se-ia a IASD. O grupo ganhou notoriedade quando no final de 1844 Ellen Harmond começou a ter o que eles consideraram visões vinda dos céus, desta forma ela se tornaria uma profetisa moderna para eles.

Com o passar dos anos, o grupo foi crescendo e adquirindo casas publicadoras, templos, sanatórios e outros bens. Então surgiu a necessidade de possuir um nome e se organizar. Segundo White

Aumentando o nosso número, tornou-se evidente que sem alguma forma de organização, haveria grande confusão, e a obra não seria levada avante com êxito. A organização era indispensável para prover a manutenção do ministério, para levar a obra a novos campos, para proteger dos membros indignos tanto as igrejas como os ministros, para a conservação das propriedades da igreja, para publicação da verdade pela imprensa e para muitos outros fins (2005, p. 22)

Mesmo com a necessidade de se organizar havia resistência dentro da própria igreja. Conforme White,

Havia, no entanto, entre nosso povo, um forte sentimento contrário à organização. Os adventistas do primeiro dia (domingo) opunham-se à organização, e a maior parte dos adventistas do sétimo dia (sábado), entretinha as mesmas ideias. Buscamos o Senhor em oração fervorosa para que pudéssemos compreender Sua vontade; e Seu Espírito nos iluminou, mostrando-nos que deveria haver ordem e perfeita disciplina na igreja, e que era essencial a organização. Método e ordem manifestaram-se em todas as obras de Deus, em todo o Universo. A ordem é a lei do Céu e deveria ser a lei do povo de Deus sobre a Terra. Tivemos uma árdua luta para estabelecer a organização. Apesar de o Senhor dar testemunho após testemunho a tal respeito, a oposição era forte, e teve de ser enfrentada repetidas vezes. Sabíamos, porém, que o Senhor Deus de Israel nos estava dirigindo e guiando pela Sua providência. Empenhamo-nos na obra da organização, e uma evidente prosperidade acompanhou esse movimento progressista. (2005, p 22).

Desta forma, na década de 1860, o grupo passou a ser chamado de Igreja Adventista¹⁶ do Sétimo Dia¹⁷ e conseguiu organiza-se. E na Década de 1870 começaram a enviar missionários para outros continentes. Conforme Borges (2005), dentre os missionários enviados, dois deles encontraram em um navio europeu um jovem chamado Borchardt que estava fugindo do Brasil por pensar que havia matado um homem durante uma briga.

Eles perguntaram para o jovem se ele conhecia alguém no Brasil que se interessaria por literatura cristã e ele passou o endereço do seu padrasto Carlos Dreefke na vila de imigrantes alemães de Brusque em Santa Catarina. Deste momento em diante, as ideias adventista começaram a se espalhar no Brasil. O primeiro batismo em terras brasileiras só aconteceu em 1895 sendo Guilherme Stein Jr o primeiro brasileiro batizado. Este exerceu forte liderança no início da expansão do adventismo no Brasil, pois ele falava português e alemão e compreender um pouco de inglês de acordo com Carvalho (2014).

¹⁶ Adventista por pregar a segunda vinda Jesus

¹⁷ Sétimo dia por separar o sábado para trabalhos missionários e filantrópicos.

Apesar de que os primeiros grupos de Adventistas no Brasil sugeriram a partir do final do século XIX, antes disso, o país já havia sido visitado por José Bates, um dos pioneiros norte americanos da IASD. Como comerciante marinho, Bates visitou várias vezes a costa brasileira e algumas vezes atracou nos portos paraibanos.

Em 1825, segundo Bates, ele tinha ido a Pernambuco para comercializar farinha, mas “era ilegal que as embarcações estrangeiras negociassem na costa” (CRISLER, 1927, p. 145), depois de alguns dias de espera ele recebeu uma carta do governador da Paraíba permitindo descarregar no estado. Após vender toda a sua carga, grande parte dela vendida ao próprio governador que enviaria para suas tropas, partiu para Santa Catarina com uma carta de recomendação.

Por volta de agosto do mesmo ano, Bates retorna a Paraíba e se depara com uma fome terrível no estado e distribui algumas das suas provisões para alimentar os pobres famintos. Ao ser proibido de distribuir mais, ele comenta “eu considero um privilégio por minha conta, por um enquanto, alimentar estas criaturas pobres, famintas e quase nuas, que permaneciam sobre o nosso local de pouso” (CRISLER, 1927, p. 149).

O início do adventismo na Paraíba

Porém, apenas em setembro de 1911 tem-se o registro de adventistas residindo na Paraíba. John Lipke¹⁸ divulgou a chegada do adventismo com as seguintes palavras:

¹⁸Pioneiro da obra educacional e obra médica. Nasceu no dia 27 de julho de 1875, em Berlim, Alemanha. Frequentou o Seminário Teológico em Hamburgo, entrando em seguida na obra da colportagem, tendo como chefe o pastor Frederico Spies. Em 1896, partiu para os Estados Unidos, onde se dedicou ao mesmo trabalho. Em 1897, continuou seus estudos no Colégio de BattleCreek, em Michigan, onde casou-se com Augusta Schuete. Criou dois filhos adotivos: Daniel e Berta. Em 1897, terminados seus estudos, recebeu um chamado para o Brasil, onde exerceu a profissão de professor no Rio Grande do Sul, na escola primária localizada em sua casa. Depois de um ano, foi chamado para Gaspar Alto, SC, onde fundou o primeiro colégio missionário. No ano seguinte, foi ordenado ao ministério e eleito diretor do campo. Em 1904, mudou-se para São Paulo, a fim de dirigir um instituto de colportagem. Em 1910, foi enviado à Bahia, onde trabalhou três anos. Retornou em 1915 para São Paulo, onde assumiu a presidência da Missão Paulista, em 1915. Neste período, atuou como primeiro diretor do Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Unasp-SP), apoiado por John Boehm, fundador e primeiro administrador. No colégio,

“De um modo interessante¹⁹ a verdade deu entrada no Estado de Parahyba. Um dos nossos irmãos, que na cidade de Recife, Pernambuco não podia achar um emprego onde pudesse guardar o sabbado, achou finalmente um emprego por um conhecido d'elle, um chefe da Estrada de Ferro no Estado de Parahyba. Durante 3mezes este irmão era o único que guardava o sabbado no Estado de Parahyba. Depois d'elle o patrão deste irmão começou também a guardar o sabbado e agora ha ali 15 pessoas que guardam o sabbado no Estado de Parahyba. Tredellas estão baptizadas como adventistas do sétimo dia. Conforme o seu desejo eu os visitei em Pipirituba, Parahyba. Eu fui o primeiro pregador protestante que veiu a este logar.” (LIPKE, 1911, p. 12)

A entrada do adventismo no estado foi ocasional devido à necessidade de emprego de um de seus membros. Em alguns meses, tal membro conseguiu 15 adeptos para a instituição, iniciando em Pirpirituba o primeiro grupo de adventistas. Das 15 pessoas que estavam nesse grupo apenas 3 eram batizados, segundo Lipke, o restante precisavam de mais tempo para se preparar para o batismo, pois “quando se baptiza pessoas muito depressa sem estarem bem preparadas e conhecer bem a Verdade, prejudica a causa” (LIPKE, 1911, p. 12).

A conquista na Paraíba teve repercussão internacional sendo noticia em outros periódicos da igreja. Em um deles F. W. Spies²⁰ escreveu:

construiu o primeiro prédio da escola, o antigo dormitório dos rapazes e o prédio escolar, com a cozinha e o refeitório no subsolo. Neste tempo também foi construída a antiga represa com o objetivo de produzir energia elétrica para a nova instituição. Empenhou-se também na fundação da Casa Publicadora Brasileira (CPB). Em 1918, recebeu um convite para a presidência da Missão Rio-Grandense e, em 1920, retornou aos Estados Unidos, prosseguindo seus estudos em Medicina, em Loma Linda, Califórnia, formando-se em 1925. No ano seguinte, 1926, voltou ao Rio de Janeiro, onde exerceu a profissão de médico até contrair o mal de Parkinson. Em 1935, mudou-se para São Paulo. Faleceu no dia 18 de junho de 1943, aos 69 anos de idade, em São Paulo, SP, vítima do mal de Parkinson (RITTE, 1943, p. 25).

¹⁹ A expressão “de um modo interessante” pode ser explicada pelo fato de que os adventistas utilizam algumas estratégias para se instalar em um novo território como, por exemplo, a colportagem e a instalação de escolas primárias, porém na Paraíba nenhuma delas foi utilizada.

²⁰ Missionário, pastor e administrador. Nasceu no dia 29 de junho de 1866, na Filadélfia, Pensilvânia, EUA. Converteu-se ao adventismo aos 22 anos de idade. Casou-se com Isadora Read em 1892, e da união conjugal nasceu uma filha: Mabel. Logo depois de sua conversão, dedicou-se à colportagem, e, quatro anos mais tarde, foi chamado à Alemanha como diretor de colportagem. Em 1896, foi convidado pela Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia a trabalhar como missionário no Brasil. Antes de sua partida, foi consagrado para a obra do ministério. O trabalho dos adventistas do sétimo dia era então pouco conhecido no Brasil, e o pastor Spies e sua esposa foram pioneiros entre os que aqui vieram disseminar a mensagem adventista. Dedicou-se inicialmente ao ministério e trabalho bíblico nos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, e em 1900 foi chamado para Santa Catarina, onde fixou residência, trabalhando não somente neste Estado, mas também no Paraná e no Rio Grande do Sul. Em 1903, mudou-

“Em uma carta recente do Élder John Lipke, superintendente da Missão do leste do Brasil, ele diz: 'Há agora três membros na Parahyba, e outros guardam o sábado lá, e desejam ser batizados.' Isso significa que a verdade do sábado ganhou um novo estado, e que a mensagem está avançando mais ao norte em direção à região amazônica. Mas a Parahyba faz parte da Missão Norte do Brasil. O Élder Lipke tem tanto a fazer quanto dois homens podem, mas como não há ministro em toda a Missão do Norte do Brasil, um campo composto de muitos estados e mais da metade do território brasileiro, e como não pude ir a Parahyba, chamei o Élder Lipke para visitar as almas interessadas. E de qualquer modo, estamos muitas vezes perplexos, sem saber o que fazer? E é de admirar que, às vezes, anos passem e almas que começaram a obedecer à mensagem esperem, rezem e imaginem se o dia chegará quando um ministro vir ajudá-los?”(1911, p. 24)

O relato de Spies mostra a dificuldade por existirem poucos ministros²¹ para trabalhar no território brasileiro e o objetivo de crescer cada vez mais para o norte já que a expansão da igreja deu-se do sul para o norte do país. O relato também servia para atrair interessados norte-americanos para o Brasil já que a mão de obra missionária estava em falta.

O ataque a igreja de Baixa Verde através de Nigri²²

se com sua família para o Rio de Janeiro, onde foi convidado a dirigir a obra dos adventistas a nível nacional. O trabalho desenvolveu-se de tal maneira que, em 1917 tornou-se necessária a divisão do território brasileiro em duas Uniões: União Sul-Brasileira e União Este-Brasileira. O pastor Spies presidiu ambas as Uniões. O casal Spies foi transferido em 1923 para a União Este, com sede no Rio de Janeiro. Em 1927, fixou residência em São Bernardo, onde gerenciou a Casa Publicadora Brasileira até 1932. Embora sendo aposentado em princípios de 1933, manteve-se ativo, dedicando-se mais a escrever artigos com mensagens de conforto e animação, e a cuidar da igreja alemã em São Paulo, onde esteve presente até o último sábado de sua vida. Numa segunda-feira pela manhã, enquanto lia sentado à mesa, teve uma síncope cardíaca, caindo da cadeira e ficando paralisado. Faleceu no dia 31 de julho de 1935, aos 69 anos de idade, em Santo André, SP. (disponível em <http://www.unasp-ec.com/memoriadventista/enciclopedia/8/028s_spies_frederico.htm> acesso em: 24 de out. de 2018)

²¹ Pastores

²² Natural do Rio de Janeiro e filho de pai judeu e mãe católica, ele foi batizado aos 17 anos. No início da década de 1930, trabalhou como offi-ce-boy da Missão Rio-Minas. Em 1937, concluiu o curso teológico no anti-go Colégio Adventista Brasileiro (atual Unasp São Paulo), onde conheceu a missionária lituana Maria Barr, com a qual foi casado por 57 anos e com quem teve quatro filhos. O pastor Nigri atuou como distrital na Paraíba e na Igreja Central Paulistana e serviu como diretor de departamentos de Associação em Recife, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Em 1952, foi nomeado presidente da União Sul-Brasileira, que na época compreendia as regiões Centro-Oeste, Sul e o Estado de São Paulo. Em 1962,

Era dia 23 fevereiro de 1940 quando pastor Moyses S. Nigri encontrou-se com Jerônimo Garcia²³ e Jacó Kroeker na estação de Campina Grande para se dirigirem no dia seguinte a igreja adventista de Baixa Verde²⁴. Segundo Nigri (2014), nessa região iria ser inaugurada uma Escola Adventista²⁵ de nível primário, pois haviam muitas crianças no local que eram filhos de adventistas e que precisavam de instrução.

Ao chegar à cidade, Nigri disseram-lhe que alguns católicos não gostaram da inauguração de uma nova escola e haviam prometido agredir quem se dispusesse a ir ao culto no sábado seguinte (dia 24 de fevereiro). Além disso, também soube através de Luís

assumiu a secretaria da Divisão Sul-Americana, até que oito anos depois fosse eleito vice-presidente da Associação Geral, função que exerceu por dez anos e como o primeiro latino a ter esse cargo na sede mundial da Igreja. Mesmo aposentado, trabalhou por quatro anos como Secretário de Campo da sede sul-americana. (FALECIMENTOS, 2010, p. 37)

²³ Pastor, evangelista, professor e administrador. Nasceu no dia 30 de setembro de 1903, em Cuenca, perto de Madri, Espanha. O pai de Jerônimo era músico e maestro. Ainda quando pequeno, o pai faleceu e a mãe decidiu mudar-se para o Brasil e, em seguida, para Cuba. Ali, Jerônimo teve o primeiro contato com a mensagem adventista, estudando, por algum tempo, em um colégio adventista, em regime de internato. De volta ao Brasil, Jerônimo decidiu aceitar a fé adventista mesmo contra a vontade da mãe. Veio para o Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Unasp-SP, em 1920, formando-se em dezembro de 1925, como presidente da turma. Casou-se no dia 13 de fevereiro de 1926 com Ana Klein de Araújo e da união conjugal nasceram quatro filhos, Anice, Flávio, Gilberto e Helena. Seu trabalho caracterizou-se pela ação, dinamismo e pioneirismo. Iniciou sua carreira ministerial empreendendo séries de conferências evangelísticas no Bairro do Brás (1926), em São Paulo; em Mogi-Mirim, SP (1927); em Campinas, SP (1930), auxiliado pela instrutora bíblica Iracema Zorub. Em 1931 dirigiu-se a Ribeirão Preto, SP, onde ali iniciou o trabalho de evangelização da cidade. Depois, dirigiu-se à capital paulista onde trabalhou em alguns departamentos da Associação Paulista, atual Associação Paulistana. Ao mesmo tempo em que servia na Associação Paulista, dirigiu uma série de conferências evangelísticas na cidade de Araraquara (1932). No ano seguinte foi chamado para o Rio Grande do Sul, e ali atuou como pastor-evangelista no município de Santa Maria. Seu próximo trabalho deu-se entre os anos de 1934 e 1935 em Porto Alegre, onde dirigiu uma campanha evangelística no centro da cidade e outra no Bairro São João. Em 1935 Jerônimo foi chamado para assumir a presidência da Missão Nordeste e ali permaneceu até 1940, ano em que retornou a São Paulo como professor e vice-diretor do CAB. (disponível em: <http://www.unasp-ec.com/memoriadventista/enciclopedia/8/004g_garcia_jeronimo.htm> Acesso em: 04/09/2019)

²⁴ Baixa Verde era uma região de plantação de algodão habitada por famílias adventistas que se reuniam na casa de u, membro chamado Luiz Pereira. Ficava a 6 quilômetros da vila de Queimadas e a 18 quilômetros de Campina Grande (NIGRI, 2014, p 61).

²⁵ Segundo Garcia (1940) além de inaugurar a escola, eles iriam fazer uma visita pastoral.

Pereira que um interessado²⁶ teria sofrido uma agressão do Padre e de alguns católicos de Queimadas.

Ciente desses acontecimentos, os três foram ao delegado de Campina Grande²⁷ comunicar o que tinha se passado e pedir garantias quanto à liberdade de Culto. Este lhes deu um papel que deveria ser entregue ao sargento de Queimadas²⁸. Sábado bem cedo, foram a Queimadas e entregaram o cartão para o sargento, este disse que “se a lei mandasse perseguir os protestantes, ele assim o faria; mas como a lei garantia a liberdade religiosa, ele também a garantiria” (NIGRI, 2014, p. 63).

Depois disso, despediram-se dele e foram em direção a Baixa Verde. No caminho encontraram um altar recém construído onde estava escrito “Deus nos livre da nova seita”²⁹ (NIGRI, 2014, p. 63). Chegando a Baixa Verde, foram visitar alguns membros³⁰ que novamente lhes avisaram do possível ataque. Contudo, preferiram seguir conforme o planejado e todos foram juntos para o local onde seria o culto e também seriam as instalações da escola.

Iniciaram então o culto e quando terminaram de cantar o primeiro hino, José Luis avisou que um grupo de católicos estavam aproximando-se do prédio, porém continuaram o culto como se nada estivesse acontecendo até que “cerca de 300 pessoas começaram a gritar à portas do salão, procurando agredir os que ali estavam. Jogavam pedras e gritavam

²⁶ Esta era forma que eram chamados aqueles que se interessavam pelas crenças adventistas e de acordo com Garcia (1940), este interessado chama-se José Campos e ele a sofreu na vila de Fagundes.

²⁷ O delegado chamava-se tenente Cezariano, conforme Garcia (1940).

²⁸ O sargento era subdelegado e chamava-se Luiz, de acordo com Garcia (1940).

²⁹ Nigri (1964a) relata outras duas inscrições: “abaixo novas-seitas” e “morreram os protestantes”.

³⁰ Segundo Garcia (1940), Severino Venâncio Sobrinho e depois à casa de Luiz Pereira onde ficaram hospedados.

vivas ao padre Oscar Cavalcanti³¹ e à Igreja Católica. Aos adventistas, ofendiam com palavras como ‘nova seita’³², ‘coisa ruim’ e ‘diabo’ (NIGRI, 2014, p. 63).

Parecia que a situação cada vez mais piorava, pois

“Homens e mulheres ensandecidos gritavam até ficarem roucos e rasgavam as próprias roupas em sinal de raiva e protesto. Alguns choravam de ódio e alguns até desmaiaram. Dentro do salão orávamos aflitos, enquanto a confusão aumentava do lado de fora. Um interessado que estava com a esposa e quatro filhos ficou irritado e tirou um facão da cintura na intenção de partir para cima dos manifestantes. Argumentei com ele e o demovi de suas idéias, pois seria um desastre se alguém se ferisse” (NIGRI, 2014, p. 63).

Após duas horas de agressão, Jerônimo pediu a Nigri que fosse comunicar ao sargento de queimadas o que estava. Entretanto, ele havia viajado e apenas um guarda estava no local que não poderia sair da delegacia para não deixar a cidade vulnerável³³. Ele voltou para Baixa Verde e contou o que havia acontecido, então começaram a tentar entrar em acordo com os agressores.

Conseguiram identificar três homens³⁴ que pareciam chefiar o grupo e combinaram em fechar o salão para a multidão ir embora. “Tudo parecia estar se acalmando quando, de repente, alguns adventistas que deixavam o salão com suas bíblias e hinários foram atacados pelos católicos, que rasgavam os livros³⁵ e gritavam palavras de ordem aos demais” (NIGRI, 2014, p. 64).

Para se evitar que alguma coisa acontecesse com os adventistas, os livros foram colocados em uma caixa no salão. Um dos líderes da multidão pediu para que ela recuasse, entretanto, “os manifestantes formaram um corredor em frente ao salão e concordaram

³¹ Oscar Cavalcanti nasceu no dia 4 de dezembro de 1890, foi padre coadjutor da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Campina Grande até 1928, Pároco de Fagundes de 1928 a 1944 e de Queimadas de 1944 a 1963 (Disponível em <<http://tataguassu.blogspot.com/2011/03/datas-queimadenses.html>> acesso 25/04/2019) .

³² Segundo Vasconcelos (2005), o termo nova seita foi utilizado no nordeste brasileiro como uma forma pejorativa de chamar os protestantes até o final da primeira do século XX.

³³ Para Nigri (1964b), parecia que o delegado e o subdelegado estava em conluio com o padre Oscar e a multidão.

³⁴ O nome de dois deles eram Manoel de tal e João Bezerra, conforme Garcia (1940).

³⁵ Segundo Simões (2008), as bíblias protestantes eram tidas como adulterados e por isso, algumas vezes, eram recolhidas para serem queimadas nas praças públicas.

em permitir a saída dos adventistas, que deveriam atravessar o corredor até o outro lado da rua, onde ficava o bar” (NIGRI, 2014, p. 64).

Pouco a pouco, as famílias saíram sem as bíblias do prédio ficando apenas Nigri para fechar as portas. Ele não quis colocar sua bíblia na caixa junto com as outras, pois ficou com medo de não a tê-la novamente e ademais ela possuía um valor sentimental muito grande e possuía vários esboços de sermões. Então, ele a colocou, junto com seus outros livros, debaixo do braço e saiu do prédio. Contudo, uma mulher que participava do ataque viu que ele estava com a bíblia e avisou os outros e segundo Nigri,

Enfurecidos, partiram para cima de mim, batendo-me no rosto e nos braços. Ajoelhei-me e protegi meus pertences entre as pernas. As mulheres manifestantes cravaram as unhas no meu rosto fazendo escorrer sangue e alguns homens tentaram me segurar para que outros pudessem me bater. Três homens que estavam sentados no bar e nada tinham que ver com aquilo foram em meu auxílio e me salvaram do ataque (2014, p. 64, 65)

Depois disso, a multidão foi embora e continuaram o culto na casa de um adventista. Nigri e Jerônimo ficaram em Baixa Verde até à tarde do domingo e não houve mais incidentes e quando o sargento chegou de Queimadas o comunicaram do que havia acontecido e ele garantiu que isso não iria se repetir. Mesmo depois do ataque, o culto continuou sendo realizado no mesmo lugar e a escola foi inaugurada e chegou a ter 100 alunos segundo Nigri (2014).

Considerações finais

A narrativa de Nigri sobre o ataque a igreja adventista de Baixa Verde revela detalhes importantes que servem para entender o contexto histórico-cultural da época. A primeira metade do século XIX foi marcada pela romanização e restauração católica. A primeira, Segundo Sousa Junior (2015), seguindo os ideais ultramontanos³⁶, buscava

³⁶ Os adeptos e defensores dessas tendências romazidoras (centralização em Romana) são conhecidos como ultramontanos. Para eles, o centro de toda a vida da Igreja está na pessoa do Papa, representante direto de Deus na terra. Chega-se a afirmar que só é autêntica a ortodoxia católica emanada de Roma.

aproximar as igrejas católicas brasileiras a Roma e mostrar a relevância da igreja na sociedade devido o Estado ter se tornado laico.

Com isso, houve uma padronização segundo os moldes de Roma das manifestações religiosas católicas no Brasil, aumento do patrimônio católico com criação de seminários, escolas, orfanatos, etc. e a criação de Jornais Católicos. As Santas Missões também passam a percorrer as comunidades católicas com o objetivo de fazer o clero romano mais presente nas mais longínquas cidades do interior do país. E segundo Garcia (1940), durante o ataque a igreja adventista de Baixa Verde estava acontecendo as Santas Missões em Queimadas.

Segundo Sylvestre (2014), as santas missões perseguiram ferozmente os protestantes e por onde passavam deixavam marcas da intolerância. Muitos protestantes tiveram que fugir das suas cidades devido ao forte sentimento antiprotestante. Católicos eram instruídos a não comprarem, venderem ou alugarem o que quer que seja aos protestantes. Templos protestantes foram destruídos, pessoas foram espaçadas e assassinadas.

A segunda, de acordo com Simões (2008), foi um movimento em que a igreja católica passou a militar em prol de um recristianização do país a partir da década de 1920. “Durante a chamada restauração católica, a polêmica antiprotestante ganhou novo fôlego com a disseminação da idéia de um “perigo protestante” no Brasil, associado a uma suposta campanha imperialista norte-americana” (SIMÕES, 2008, p. 1, 2).

No Brasil, o início do movimento de restauração católica teve como marco simbólico a realização do Primeiro Congresso Eucarístico Nacional, celebrado de 26 de setembro a 1º de outubro de 1922, no Rio de Janeiro, cujo tema foi “A restauração cristã do Brasil pela vida eucarística, principalmente na família, na infância e na mocidade”[...] Enquanto empresa de afirmação social do catolicismo, orientada pela defesa da “ortodoxia” combinada a um nacionalismo de matriz religiosa, a restauração católica carregava em si a negação dos elementos “descristianizadores”, como eram consideradas as denominações protestantes existentes no Brasil (SIMÕES, 2008, p. 35, 36).

Portanto, não basta ser católico, é preciso ser católico romano e obedecer às leis da Igreja romana (SOUSA JUNIOR, 2015, p. 26).

O ataque a igreja adventista de Baixa Verde foi fruto do seu tempo. A romanização e a restauração católica aumentaram o espírito antiprotestante. Esse espírito foi intensificado pelas Santas Missões que passava por Queimadas na mesma semana da inauguração da escola. O estado da Paraíba também passava por um a forte repressão aos protestantes através das realizações das Santas Missões que por onde passava deixa um rastro de intolerância religiosa. Portanto, este ataque foi apenas mais um ato de intolerância religiosa no interior da Paraíba.

Bibliografia

BORGES, Michelson. A chegada do adventismo ao Brasil. 1. Ed. Casa Publicadora Brasileira: Tatuí, 2005

CARVALHO, Francisco Luiz Gomes de. **A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil**: inserção e desenvolvimento institucional. PistisPrax. Curitiba, v. 6, n. 3, p. 1057-1075, set./dez. 2014

CRISLER, C. C., Life of Joseph Bates An Autobiography, New York. 1927.

FALECIMENTOS, **Revista Adventista**. Tatuí, v. 105, n. 1223, p. 37, abril, 2010

GARCIA, J. G. “Pelos seus frutos o Conheceréis”. **Revista Adventista**. Santo André, v 35, n 5, p. 10 - 11, maio, 1940.

LIPKE, John. Do campo: missão este-brasileira. Revista Mensal. V 6, N 9, 10. Setembro e outubro, 1911.

Mistério jovem. Nossa Herança: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia para o Ministério Jovem. Trad. Itamar Padrão de Siqueira. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004

NIGRI, M. S. A perseguição de Baixa Verde. **Revista Adventista**. Santo André, v 59, n 10, p. 16-18, out., 1964^a

NIGRI, M. S. A perseguição de Baixa Verde. **Revista Adventista**. Santo André, v 59, n 11, p. 22-24, nov., 1964^b

NIGRI, M.S. **Sem fronteiras**: a envolvente história de um homem que marcou época. 1ª ed. Tatuí, casa publicadora brasileira, 2014.

SIMÕES, Daniel Soares. **O rebanho de Pedro e os filhos de Lutero**: o Pe. Júlio Maria De Lombaerde e a polêmica antiprotestante no Brasil (1928- 1944). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

SOUSA JUNIOR, José Pereira. **Estado Laico, Igreja Romanizada Na Paraíba Republicana**: Relações Políticas E Religiosas (1890 – 1930). Tese (doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SPIES, F. W. Nota sem título, The AdventReviewand Sabbath Herald, 21 de dezembro de 1911

SYLVESTRE, Josué. **Fatos e personagens de perseguição a evangélicos**: Antes que as marcas se apaguem. Curitiba: Editora Mensagem, 2014.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **Os novas-seitas**: a presença protestante na perspectiva da literatura de cordel-Pernambuco e Paraíba (1893-1936). Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

OS INTELLECTUAIS E A TRADIÇÃO SELETIVA: O MUNICÍPIO DE LIMOEIRO DO NORTE-CE NAS PRODUÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS.

Ercílio Henrique de Lima Gadelha

Mestrando UFCE

henrique-gadelha@hotmail.com

RESUMO

O objetivo desse trabalho é problematizar as diversas imagens atribuídas ao município de Limoeiro do Norte-CE por intelectuais limoeirenses, em suas respectivas autobiografias. O processo de modernização que a cidade passou entre as décadas de 1940 e 1960, depois de ter conquistado a sede do bispado (1937), parece ocupar lugar central para esses indivíduos, funcionando simbolicamente como uma ruptura entre um Limoeiro essencialmente rural, da “boa terra”, e outro urbanizado, do progresso, conhecido como “Princesa do Vale”. As obras foram escolhidas por apresentar, a partir das experiências vividas e narradas por seus autores, diversas práticas que foram apontadas como parte da tradição limoeirense, bem como elemento identitário do município. São elas: *Minhas Madrugadas* (2008); *O Menino da Ilha* (1997); e *Minha Vida... Minha Luta...* (1999).